

## FESTIVAL

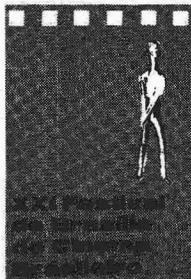
DF. Cinema

## A crise financeira e "abertura"

Os longas embarcam no documentário e os curtas abandonam a pura denúncia

Rubens Araújo e  
Fernando Mesquita

O 21º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro entra em circuito hoje, às 20h00, no ParkShopping com uma característica interessante: três dos longa-metragens da mostra competitiva são documentários, enquanto que metade dos curtas selecionados são de ficção. Uma inversão que leva os cineastas a uma triste conclusão: o responsável pelo fenômeno é o fantasma de cada dia do brasileiro, a crise econômica. Outra característica marcante é o desnível qualitativo entre os representantes das duas bitolas, que pode transformar o evento no "festival dos curtas".

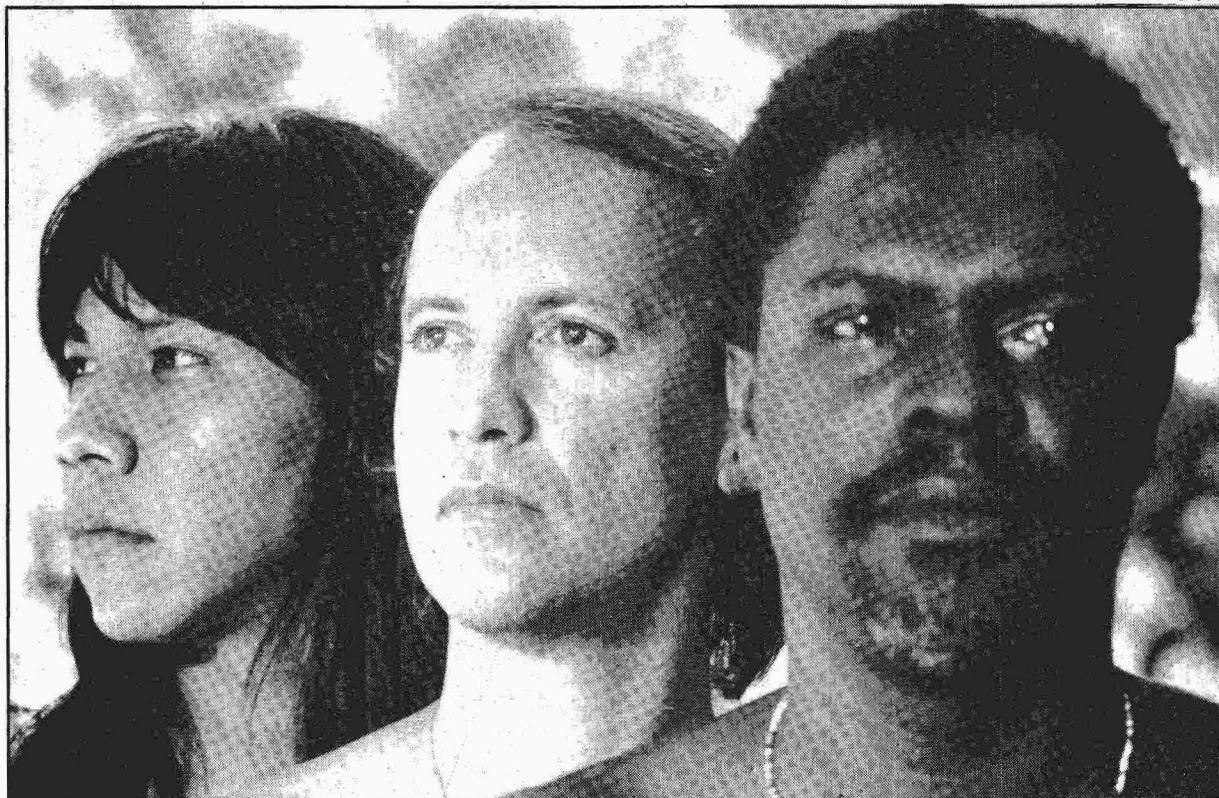


A cineasta Eunice Gutman, que concorre com o média-metragem em 16 mm, **Mulheres, uma Outra História**, acredita que a inversão notada no festival "é inteiramente um reflexo da época em que vivemos. Com a ditadura, todos os que faziam curta-metragem queriam mostrar a terrível realidade do País. A **abertura** parece ter liberado os cineastas de uma certa preocupação social. Talvez por isso houve um aumento dos curtas de ficção", diz Gutman.

A cineasta afirma, porém, que não foi apenas a situação política que desamarrou os cineastas que fazem hoje curta-metragens. A crise financeira é outra definidora das produções cinematográficas brasileiras. Só que a crise, ao contrário da "abertura", só amarra o diretor: "Fica muito caro produzir um longa-metragem. É muito mais fácil produzir um curta. Não é à toa que o festival de Brasília teve 54 curtas inscritos e apenas 7 longas".

Artur Omar, no festival com o curta-metragem **O Inspetor**, que será exibido hoje às 20h00, também lembrou a crise: "A restrição de financiamento não só estimula o longa documentário, que é mais barato, mas também o curta, que é um longa-contraindo". O cineasta argumenta que "em condição de crise, fazer um documentário pode ser uma saída momentânea". Não acredita, porém, que os longas documentários sejam uma tendência da produção nacional.

Omar ressalta que "para afirmar que três longas do festival são docu-



Memória Viva, (dia 30), já exibido no FestRio: resgate histórico, entre o documento e a ficção

mentários por causa da crise, seria preciso conhecer cada filme". Do mesmo modo, contudo, acha completamente crível que a crise possa, por exemplo, forçar um diretor a transformar sua história para longa-metragem em curta, por não ter dinheiro para a produção. Com relação à tendência dos curtas ao ficcional, Artur Omar entende que esse tipo de filme "se afasta do documental porque a televisão está fazendo o curta-reportagem melhor que o cinema".

O cineasta Júlio Bressane, autor dos experimentais **Matou a Família e Foi ao Cinema** e **O Anjo Nasceu**, remete, do mesmo modo, o problema para a questão da crise: "Normalmente, um documentário permite mais parcimônia de recursos. Há exceções, por exemplo, um documentário no Pólo Norte. Mas, de modo geral, o documentário pode trabalhar com uma estrutura mais móvel. O recurso do longa-metragem pode estar traduzindo a própria situação do cinema brasileiro, moribundo, praticamente extinto".

A inversão ocorrida no festival assusta um pouco o diretor Octávio Bezerra, que concorre com o longa documentário **Memória Viva**. Acha perigoso a prevalência de curtas de ficção. "Esse é um momento muito grave para a história brasileira, pois

atualmente somente o cinema pode documentar a história brasileira. As imagens gravadas em fitas para a televisão vão desaparecer daqui a dez anos. Por isso o documentário tem que permanecer vivo".

Octávio Bezerra aplaude a quantidade de longas documentários que participarão do festival de Brasília (além do filme dele, são também obras documentais **Abolição**, de Zózimo Bubul e **Brascuba**, de Orlando Sena e Santiago Alvarez). "Apesar da tentativa, durante todos esses anos, de derrubar os documentários, a seleção do festival prova que as pessoas estão começando a gostar desse tipo de filme", diz.

Zózimo Bubul, por sua vez, classifica a quantidade de longas documentários no festival como um "momento de grande sabedoria do cinema brasileiro". "Já era tempo do documentário de longa duração sair da marginalidade", diz ainda. "Isso é positivo porque é uma forma de abrir o conceito de longa-metragem", completa Artur Omar.

A mesma crise financeira citada pelos cineastas serviria também para explicar uma impressão do festival que deverá causar forte polémica: a qualidade dos filmes. Os críticos que viram os longa-metragens selecionados não acreditam que eles inspirem grandes emoções no público. Ao

contrário dos curtas, que foram bastante elogiados.

Guilherme de Almeida Prado, diretor da **A Dama do Cine Shangai** e um dos membros da comissão do festival que selecionou as fitas para a mostra competitiva, adiantou logo após a escolha que os curtas são bem mais impressionantes que os longa-metragens.

O diretor Sérgio Bianchi, concorrendo com o longa **Romance**, não acha relevante a discussão sobre se os curtas são melhores que os longas. Disse ainda que a quantidade de curtas produzidos nos últimos anos, em detrimento dos longas, invalida a comparação. "No ano passado foram produzidos 70 curtas contra 7 longas", avalia Bianchi. Segundo ele, essa discussão "mascara" uma outra mais importante que é a questão da total falta de dinheiro para produzir filmes".

Tanto Bianchi, quanto Octávio Bezerra e Eunice Gutman, não tiram, porém, o mérito de uma geração que está transformando a linguagem do curta-metragem nos últimos 10 anos. "O curta está avançando bastante", diz Bianchi. "Eles estão, no geral, contribuindo para o avanço do cinema brasileiro", completa Bezerra. Quem viver o Festival de Brasília, verá.

Fotos: Divulgação